



Nilo Tardin

BELEZA

O esplendor do pôr-do-sol refletido em suas águas é como um disfarce para todas as agressões que o Rio Doce sofre nos 875 quilômetros que percorre de suas cabeceiras, em Minas Gerais, até à foz, em Regência, no município de Linhares

Rio Doce ainda sustenta famílias de ribeirinhos

Projeto será gravado em CD-ROM

Os historiadores Regina Aurich e José Lino Galvão, integrantes do Núcleo de Pesquisa Etnográfica - ciência que estuda expressão material do povos - investigam a ligação dos gru-

Colatina - Sucursal - A legião de homens, mulheres e crianças que sobrevivem

As pessoas que vivem do Rio Doce lamentam a série de agressões que ele sofre por esgotos e agrotóxicos

Na última semana, esses dados foram divulgados no inventário realizado pelo Núcleo de Pesquisas Etnográfi-

Preservação já era lei no tempo do Império

Desde 1800 que as terras capixabas banhadas pelo Rio Doce são objeto de atenção governamental. Naquela ocasião foi assinada a demarcação de limites entre Minas e Espírito Santo, pelo então go-

famílias de ribeirinhos

Os historiadores Regina Aurich e José Lino Galvão, integrantes do Núcleo de Pesquisa Etnográfico - ciência que estuda expressão material do povos - investigam a ligação dos grupos comunitários com os elementos geradores de renda como a água, terra, areia, flora e fauna do Rio Doce. Fazem o registro das manifestações artísticas, culturais e a culinária destas populações. "Para isso precisamos conviver com as comunidades. Emergir no seu universo social", disse Lino Galvão.

De antemão, os pesquisadores destacam o nítido traço de união entre as culturas dos índios botocudos, dos negros e europeus. "A presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGEA), Léa Brígida, projeta a criação de um CD-ROM com as imagens e textos alusivos aos trabalhadores do Rio Doce", afirma Regina.

Colatina - Sucursal - A legião de homens, mulheres e crianças que sobrevivem das águas e da mata ciliar do Rio Doce enfrenta, lado a lado, a ameaça da tecnologia e a gradual escassez dos recursos naturais.

Na longa travessia de 875 quilômetros entre Minas Gerais e Espírito Santo, o rio alimenta povoados inteiros de pescadores, artesãos, horticultores, lavadeiras, extratores de areia e argila, coletores de essências florestais, abastece cidades, gera energia, enfim, desperta a visão de que o rio é um celeiro de alimentos e matérias-primas vitais no sustento do povo ribeirinho.

Ameaça

A devastação da mata virgem, acelerada após os anos 40 do século passado,

As pessoas que vivem do Rio Doce lamentam a série de agressões que ele sofre por esgotos e agrotóxicos

NILO TARDIN

provocou o assoreamento e o sumiço da fauna. Sem planejamento, as cidades derramam em suas águas esgotos doméstico, hospitalar e industrial. A poluição contribuiu para empobrecer a vida, especialmente das comunidades pesqueiras.

O Rio Doce, que encantou os naturalistas estrangeiros na era imperial, continua a impressionar pela resistência ao desastre ecológico, fator que não conseguiu quebrar a beleza da paisagem das cadeias de montanhas e vales.

Inventário

O resultado médio das

freqüentes análises da água da bacia, coletada em 59 estações nos dois Estados, indica que a qualidade da água melhorou em 33% delas, em 21% piorou e em 46% não mudou nos trechos monitorados.

Recuperação

Os motivos da melhora apontada pelos ambientalistas foram em consequência da filtragem dos efluentes nas grandes e médias empresas do Vale do Rio Doce e a utilização de recursos federais para coleta e tratamento de esgotos nas cidades de suas margens.

Na última semana, esses dados foram divulgados no inventário realizado pelo Núcleo de Pesquisas Etnográficas, da Associação Colatinese de Defesa Ecológica (Acode), ONG que há 14 anos luta pela definição de políticas públicas e orçamentos, para revitalizar o Rio Doce.

O vice-presidente da Acode, Lucas Caliarri Margotto, salienta que a crise ambiental refletiu no despovoamento das zonas rurais do Vale do Rio Doce e marcou o rebaixamento social dos moradores.

"A saída para os trabalhadores que sobrevivem dos recursos do rio é se organizar em associações ou cooperativas. Cobrar respostas dos governos para a reversão dos problemas. Reivindicar saneamento básico e programas de geração de renda", entende Margotto.

Desde 1800 que as terras capixabas banhadas pelo Rio Doce são objeto de atenção governamental. Naquela ocasião foi assinada a demarcação de limites entre Minas e Espírito Santo, pelo então governador Antônio Pires da Silva Pontes. Com o ato, foi rompida a "barreira verde" que isolou a capitania no Ciclo do Ouro.

Pontes era astrônomo e geógrafo. Entusiasta do Rio Doce, abriu a navegação e criou o Parque Real de Madeiras de Regência Augusta, o primeiro de conservação florestal no Brasil e possivelmente do continente americano.

Crescem as dificuldades para quem vive do manancial

Há mais de 30 anos, sem usar qualquer tecnologia, Vicente Pego Dutra e Antônio Tabosa, ambos com 57 anos, vivem de tirar areia do meio do Rio Doce. Na tarefa diária que começa logo cedo, dispõem apenas de pás e transportam o material em botes de madeira ao ponto-de-venda próximo à barra do Rio Santa Maria, em Colatina.

Contam que a concorrência das dragas extratoras afetou a atividade artesanal que ajudou Vicente a formar os cinco filhos. A produção diária de cada um é algo em torno de cinco metros cúbicos. "Anos atrás, havia 60 pessoas vivendo da areia. Sobrou só nós dois. Cada dia o rio fica mais mingüado. Sem água. A tendência é sempre piorar", reclamou Vicente,

enquanto tirava areia do barco de fundo chato.

Pesca

Outro retrato da vida no rio pode ser dado pelo dia-a-dia do pescador Antônio Jorge Lyrio, 46 anos, quando acampou há oito anos às margens do Rio Doce. Vende o peixe que pega nas ruas do bairro Colúmbia, além de remendar e produzir redes e tarrafas, vendidas a R\$ 60,00 cada 100 metros. Lyrio assegura que "dá para viver da pesca".

José dos Santos Teixeira, 44 anos, acusa a pesca exagerada com redes de minar o potencial do rio. "Noto que o rio se recupera a olhos vistos", disse logo após fregar um curimatá com cerca de 4,5 quilos. Sem energia elétrica ou água potável, o casal de pescadores Luiz Rosa da Costa, 44 anos, e Maria Correia, 46, moram com os netos Pâmela, 3, e Wallace, 5, na foz do Rio Santa Joana.

Eles reclamam que há três anos são raros os cardumes de manjubas que sobem o Rio Do-

ce. "As redes cercam tudo próximo à foz", denunciam. O casal se cadastrou para receber um salário mínimo durante o defeso. "Ainda não recebemos o benefício", queixaram-se.

Peneiras

A fabricação de peneiras destinadas a catadores de café envolve, aproximadamente, 250 trabalhadores em 30 oficinas semi-artesanais, na periferia de Colatina. Das margens do Rio Doce sai a planta para a confecção da tela, o Ubá (*Genierium sagittatum*), em forma de cana, flexível, que era utilizada pelos índios na confecção de flexas e balaios. Uelinton da Silva, 28 anos, vende cada peneira que fabrica a R\$ 9,00. Este ano, ele já fez 2,3 mil unidades, que foram absorvidas pela atual safra.



Fotos de Nilo Tardin



SOBREVIVENTES

A fabricação de peneiras com a planta Ubá, que é flexível e era utilizada pelos índios na confecção de flechas e balaios, sustenta cerca de 250 pessoas. O pescador José dos Santos acredita na recuperação do rio. Ele exhibe um curimatá de 4,5 quilos e critica o excesso de redes